

A epidemia de gripe espanhola de 1918 na “Metrópole do Café”: a partir do diálogo entre Washington Luís e Altino Arantes

The Spanish flu epidemic of 1918 at the “Metrópole do Café”:
from the dialogue between Washington Luís and Altino
Arantes

Leandro Carvalho Damacena Neto
Doutorando em História Cultural
Universidade Federal de Goiás
lcdneto@yahoo.com.br

Lara Alexandra Tavares da Costa
Especializando em História
Universidade Federal de Goiás
laraaletavares@gmail.com

“A doença não era um simples problema patológico
era muito mais um problema social”.
(Dr. Victor Godinho¹)

Recebido em: 30/06/2014

Aceito em: 20/06/2015

RESUMO: Neste artigo iremos apresentar o possível diálogo entre o Diário Íntimo de Altino Arantes – então Presidente do Estado de São Paulo – e o Relatório Oficial sobre a epidemia de gripe espanhola de 1918 no município de São Paulo, o ofício nº 477, expedido pelo Prefeito da Capital Paulista Washington Luís Pereira de Souza, ressaltaremos também algumas obras historiográficas produzidas a respeito da Historiografia das doenças.

PALAVRAS-CHAVE: Gripe Espanhola, Washington Luís, Altino Arantes.

ABSTRACT: In this article we present the possible dialogue between the Intimate Diary of Altino Arantes - then President of the State of Sao Paulo - and the Official Report of the Spanish flu epidemic of 1918 in São Paulo, the official letter No. 477, issued by Mayor Capital Paulista Washington Luís Pereira de Souza, also will outline some historical works produced about pandemic flu.

KEYWORDS: Spanish flu epidemic, Washington Luís, Altino Arantes.

¹ RIBEIRO, Maria Alice. *História sem fim...* inventário da saúde pública. São Paulo – 1880-1930. São Paulo: Editora da UNESP, 1993, p. 128.

A epidemia de gripe espanhola² e ascensão da Historiografia das doenças

A Epidemia de Gripe Espanhola no ano de 1918 atacou em quase todas as localidades no mundo, com exceção de algumas ilhas no Oceano Pacífico, segundo consenso entre os pesquisadores da epidemia, a espanhola no ano de 1918 vitimou cerca de 20 milhões de pessoas em todo o mundo. A epidemia de gripe chegou ao Brasil através de um vapor de bandeira Inglesa, o Demeara. Este navio atracou sucessivamente nos portos de Recife, em Salvador e no do Rio de Janeiro, então capital federal.

A denominação da epidemia de gripe com a acunha Gripe Espanhola surge após o ano de 1918 em consequência, que a gripe grassava na Espanha até então, país neutro durante a 1ª Guerra Mundial, a imprensa local não censurava e não era censurada sobre as notícias da existência da gripe em seu território. Por motivos políticos e bélicos, os países que estavam envolvidos no conflito não informavam da existência da epidemia de gripe em seus territórios, ocultavam a presença da gripe. Então naquele primeiro momento, somente a Espanha não ocultava as notícias da epidemia que grassava em todo mundo, ficando explícito que a epidemia havia iniciado na Espanha – o que é um equívoco.

Kolata³ que faz uma contextualização global do flagelo ocasionado pela epidemia de Influenza espanhola. As cidades atacadas pela moléstia estavam completamente “despreparadas”, o que fazer com os mortos tornou-se um problema, pois eram necessários transportes especiais para os cadáveres, não existiam caixões suficientes, os agentes funerários se encontravam sobrecarregados em todas as localidades acometidas pelo vírus da gripe.

A moléstia de gripe que ocorreu no ano de 1918, mas especificamente o 2º ciclo mundial da epidemia alcançou um alto grau de mortalidade chegando a vitimar mais pessoas

² Existem outros estudos sobre a epidemia de gripe espanhola no Brasil. São eles: BERTOLLI FILHO, Cláudio. *Epidemia e Sociedade: a gripe espanhola no município de São Paulo*. 482f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986; BERTUCCI, Liane Maria. “*Conselhos ao Povo*”: Educação contra a Influenza de 1918. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 23, n. 59, p. 103-117, abr. 2003; KOLATA, Gina Bari. *Gripe: a história da pandemia de 1918*. Trad. Carlos Humberto Pimentel Duarte da Fonseca. Rio de Janeiro: Record, 2002; SOUZA, Christiane Maria Cruz de Souza. A gripe espanhola em Salvador, 1918: Cidade de becos e cortiços. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 71-99, jan./abr. 2005, p. 81-82.

³ KOLATA. *Gripe*.

que a Primeira Guerra –, sem uma explicação de como teria atingido tal gravidade deixando todos ainda mais perplexos de como começou, a gripe espanhola acabou.

A história das doenças se constitui um campo de estudos de fundamental importância para a historiografia, principalmente para a chamada História Cultural, vindo a substituir, metodologicamente, os estudos sobre enfermidades e epidemias, que em geral baseavam-se nos trabalhos realizados pelos próprios médicos, enfatizando estudos biográficos, institucionais e acerca do saber médico e sua prática. Para os historiadores que se “arriscaram” na realização de uma história da medicina e da saúde restou, por muito tempo, a descrição dos fatos sob um enfoque político tradicional.

Nos anos 1940, com a afirmação da historiografia dos Annales, se inicia um debate ainda tímido entre história, medicina e saúde. A partir da década de 1970, há um crescente interesse dos historiadores pela produção de uma história social da medicina. Essa nova abordagem se pauta não somente por características biológicas, mas também pelos aspectos sociais e culturais, ressaltando a heterogeneidade de cada grupo social em diversas realidades. A inclusão da doença entre os novos objetos da história pôde fornecer numerosos esclarecimentos sobre as articulações e as mudanças das sociedades. E como a doença é quase sempre um elemento de desorganização e reorganização social suas causas passam a ser compreendidas a partir de novos olhares, ampliando também a percepção da comunidade médica, ao estabelecer um diálogo interdisciplinar.

A pesquisa histórica das doenças, segundo Silveira e Nascimento, se concentra no estudo das doenças crônicas, endêmicas e epidêmicas, revelando suas implicações sociais, políticas e ideológicas, e ressaltando a diversidade dos contextos sociais analisados. Para Rosenberg⁴, a doença se constitui, simultaneamente, como problema substantivo e instrumento analítico: não é percebida somente como entidade biológica e material, mas como um complexo que envolve sua forma biológica assim como os significados que lhe são atribuídos pelas diferentes sociedades que assola.

Neste trabalho, a gripe espanhola será analisada a partir de suas representações sociais, pois a doença constitui-se um problema a ser explicado pela sociedade atacada; é

⁴ NASCIMENTO, Dilene R.; CARVALHO, Diana M. (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004.

imperativo que tenha sentido social e cultural, para tanto iremos analisar dois principais documentos produzidos no contexto social assolado pela epidemia, são eles, o Relatório nº 477 expedido pela Intendente municipal da cidade de São Paulo em 1918, Washington Luís e o Diário Íntimo do então Presidente do Estado de São Paulo, Altino Arantes.

Poder Público Municipal e Estadual: medidas profiláticas contra a epidemia de gripe espanhola

O Prefeito Washington Luís no ofício nº 477 informa, que é muito grato à confiança que a Câmara Municipal lhe concedeu durante a moléstia de gripe na cidade de São Paulo:

Correspondendo à nobre confiança da Câmara Municipal, vendo desempenhar-me do dever de honra de dizer-lhe o que a Prefeitura em virtude dos poderes extraordinários e excepcionais que lhe foram outorgados pela Resolução nº 131, de 26 de outubro de 1918, fez durante os calamitosos dias em que fomos flagelados pela peste⁵.

Por este ato insólito a edilidade paulista recebe severas críticas da sociedade e, especialmente da Imprensa:

O dever da Câmara Municipal não era esse. A Câmara Municipal de São Paulo, vendo a cidade invadida por um mal terrível, e tendo a vista o exemplo assustador do Rio de Janeiro, ocorria-lhe mais era o dever de se reunir em sessão permanente, de prever aquilo que se ia passar na cidade, aquilo que todos prevíamos, e chamar a si, espontaneamente, uma parte da tarefa, que está recahindo desigual e tumultariamente sobre os ombros de todos nós.⁶

A sociedade e a imprensa paulista demonstravam duras críticas a Câmara Municipal. A resolução nº 131, expedida pelos vereadores paulistas era uma medida provisória que dava plenos direitos para a edilidade se evadir da cidade, alegando ter que cuidar de parentes enfermos em outros locais. Desde os primeiros rumores até o momento em que Arthur Neiva, diretor do Serviço Sanitário Estadual (S.S.E.)⁷ declarou estado epidêmico no Estado de São Paulo a 15 de outubro de 1918, a edilidade não tomou sequer uma medida no sentido de debelar a gripe. Após dez dias da declaração de Arthur Neiva, nenhum vereador se encontrava na capital. O prefeito Washington Luís teve de enfrentar o flagelo epidêmico sem

⁵ Relatório Ofício nº 477. AESP – *Arquivo do Estado de São Paulo*.

⁶ BERTOLLI FILHO, Cláudio. *Epidemia e Sociedade*, p. 181.

⁷ Serviço Sanitário Estadual, doravante S.S.E.

o apoio do legislativo municipal. Digno de nota o fato de que o prefeito ter ocultado no Ofício nº 477, o conteúdo da resolução nº 131, certamente para aumentar seu prestígio no momento que lhe foi delegado amplos poderes.

Na Bahia, a pesquisadora Christiane Souza⁸ ressaltou também o atraso no reconhecimento da chegada da epidemia pelas autoridades públicas, o presidente do estado informou que a epidemia se iniciou “oficialmente” por volta de 27 de setembro de 1918; já o jornal *A Tarde* informava que a epidemia teria se iniciado um pouco antes, a partir do dia 24. Se considerarmos o período de transmissibilidade da doença e o intervalo de tempo necessário para que os primeiros sinais se manifestassem, percebe-se que a moléstia se difundia em Salvador muito antes destas datas.

Segundo Adriana Goulart⁹, na cidade do Rio de Janeiro, notícias sobre a gripe espanhola estavam presentes em jornais e demais periódicos, sem, contudo, despertar a atenção das autoridades públicas e da população. Predominavam a desinformação e o medo de medidas sanitárias coercitivas – é preciso lembrar que a população do Rio de Janeiro sofreu com as medidas profiláticas das autoridades sanitárias no final do Segundo Império e início do período republicano: a higienização da cidade realizada pelo prefeito Barata Ribeiro; a demolição de cortiços; e a vacinação obrigatória que desencadeou a Revolta da Vacina em 1904, no esteio das reformas modernizadoras empreendidas pelo governo de Rodrigues Alves (1902-1906).

No início de seu Relatório sobre as medidas tomadas pelo poder municipal durante a pandemia gripal (ofício nº 477), o prefeito faz uma analogia entre a situação vivida pela população da capital com a Idade Média durante a qual a perspectiva da morte assombrava a todos diante das guerras e pestilências que se seguiam anos a fio. No entanto, ressalta que com o progresso da ciência e os ensinamentos da higiene as epidemias teriam se afastado dos homens. Washington Luís faz ainda uma breve alusão à bacteriologia que naquele contexto histórico da Primeira República era bastante propalada na perspectiva de uma nova era na qual o homem venceria os males epidêmicos. Nessa perspectiva a gripe espanhola era

⁸ SOUZA. *A gripe espanhola em Salvador*, 1918, p. 81-82.

⁹ GOULART, Adriana da Costa. *Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro*. 253f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, 2003.

considerada como apenas uma batalha perdida que atingia a todos em qualquer parte do mundo:

A invasão insólita da epidemia, a violência de seu ataque, a inutilização completa, si bem que periódica, da grande maioria da população vitimada, o coeficiente altíssimo de mortalidade em toda a peste, nos climas quentes, como nos frios, nas estações hibernais como nas estivais, terras de sábias organizações como naquelas mal aparelhadas, vieram, trazendo o pânico e deixando o luto e a desolação, mostra mais uma vez a contingência das coisas humanas.¹⁰

É perceptível que a intenção de Washington Luís seja a atribuir as mortalidades e o flagelo que abateram a cidade de São Paulo a algo acidental, portanto imprevisível, não havendo como atribuir a responsabilidade a alguma autoridade pela mortalidade gripal visto que se tratava de um fato fortuito. Se a peste era mortal em todos os locais independentemente das melhorias urbanas ou não e do clima atmosférico seria difícil estabelecer medidas preventivas. O prefeito tenta dar um sentido metafísico ao flagelo quando se refere a “contingência das coisas humanas”, tentando enfatizar a ocorrência desses acontecimentos que são inerentes ao homem e, sem explicações.

Na esfera do Poder Público Estadual, o Presidente do Estado de São Paulo, Altino Arantes, já estava ciente da epidemia de gripe desde o dia 23 de setembro de 1918, antes da virulência gripal chegar em São Paulo conforme registra em seu diário íntimo: “(...) telegraphiei ao Dr. Nilo Peçanha, solicitando notícias da Missão Médica Brasileira, por constar esta sendo ella dizimada, a bordo do ‘La Plata’, pela terrível ‘influenza hespanhola’.”¹¹

Altino Arantes e Arthur Neiva, diretor do S.S.E., já estavam cientes que a epidemia de gripe estava rondando a capital, entretanto, as medidas preventivas contra o flagelo somente foram tomadas quando a moléstia já atingia proporções alarmantes. Como vimos anteriormente a diretoria do S.S.E. demorou a reconhecer oficialmente o estado epidêmico (decretado em 15/10/1918). Altino Arantes relata algumas das medidas tomadas pelo governo estadual, especialmente na capital:

O commandante Nunes – chefe da nossa divisão naval ancorada em Santos-, fallando commigo pelo telephone, pediu-me que lhe facultasse [remeter] a guarnição de seus navios ao Hospital de Isolamento, enquanto

¹⁰ *Relatório Ofício nº 477*. AESP – Arquivo do Estado de São Paulo.

¹¹ *Diário Íntimo Altino Arantes*. AESP. APAA. – Arquivo Privado Altino Arantes. Locus: AP91.01.001, vol.8. (23/09/1918).

se fizesse o expurgo dos barcos contaminados de ‘influenza hespanhola’. Accedi promptamente, dando eu, em pessoa, ao Dr. Neiva as instruções nesse sentido. Com este combinei também o fechamento dos Grupos Escolares da Capital, podendo os respectivos edifícios ser convertidos em enfermarias para os indigentes atacados de gripe.¹²

Se as medidas preventivas de isolamento e desinfecção nos portos do Estado de São Paulo e nas regiões fronteiriças tivessem iniciado no dia 23 de setembro e também a preparação de hospitais provisórios acontecesse naquele período, poderia ser que muitas mortes fossem evitadas. Parece ter prevalecido a lógica de se manter intacta a imagem do estado de São Paulo como guarnecido contra epidemias para evitar o consequente desgaste político do governo estadual. Que há muito tempo vinha sendo intensamente criticado pela imprensa, pela inação diante da crise econômica, a carestia generalizada e o aumento do desemprego que afetava singularmente a população da capital que havia alcançado a quantidade populacional de quase 500 mil habitantes. A Greve Geral que estourou em setembro de 1917 expôs de forma escancarada esse quadro de efervescência social.

Conjugação entre as ações da esfera pública estadual e municipal no combate à epidemia de gripe espanhola na “Metrópole do Café”

Em outro trecho do ofício nº 477, o prefeito Washington Luís se refere à necessidade de um esforço conjugado entre a esfera pública estadual e municipal para distribuir tarefas e responsabilidades durante a crise epidêmica na capital:

Não obstante a Municipalidade de São Paulo, não obstante eletiva o seu órgão executivo, entendi, para evitar dispersão de esforços e de energias, e para afastar embaraços e atritos que, porventura, pudessem surgir – que a ação municipal deveria se conjugar com a estadual, com a qual está intimamente ligada, pois que muitos serviços locais se encontram distribuídos pelas secretarias de Estado, para atingirmos o almejado fim comum. Se, nos tempos normais, essa tem sido a regra do proceder administrativo, com mais forte razão deveria ela prevalecer no momento angustioso e aflitivo que íamos atravessar.¹³

O prefeito comenta sobre as boas relações que o mesmo mantinha com o Presidente de Estado. Embora as relações entre essas duas autoridades parecessem amistosas é certo

¹² _____, vol.9 (17/10/1918).

¹³ Relatório *Ofício nº 477*.

que Altino Arantes, conforme registra em seu diário, aparecia sempre contornando algum atrito que o prefeito provocava ou se envolvia:

[...] Num dos intervalos, o nosso amigo Washington dissertou, pela centéssima vez, com os mesmos argumentos e as mesmas palavras, sobre a sua thèse predilecta na actual phase: ? ‘Da influência perniciosa que o Commissariado da Alimentação Pública exerce na propagação da ankylostomóse e a moléstia de Chagas. Parece phantasia, mas não é...’¹⁴

No momento que Altino Arantes se reunia com seus secretários e com o prefeito da capital para discutir sobre a epidemia de gripe que atacava em São Paulo, impiedosamente, Washington Luís discursava novamente sobre um problema que não estava em pauta. Em outro trecho do diário íntimo percebemos o desfecho dessa discussão e os “assomos” do prefeito à crítica de Altino Arantes:

Este Washington, num de seus conhecidos assomos, contrariado com uma observação minha a propósito de sua ação ou, melhor, de sua abstenção no caso flagrante da alimentação pública nesta capital, achou que nessa observação se envolvia uma perfídia minha contra ao Prefeito [...]. Protestei vehementemente e contra a expressão e contra a injustiça que ella me arrogava gratuitamente.

Vieram dahi as explicações: o nenhum propósito de offensa a minha pessoa e sim uma amistosa allusão á minha ‘habitual malícia’, firme e constante desejo de auxiliar leal e desinteressadamente o meu governo, a ausência completa de ambição política – para o Ministério ou para a Presidência do Estado; e, finalmente, a renúncia immediata do cargo de Prefeito, caso, do incidente, restasse o mais leve resentimento de minha parte.

E tudo terminou estendendo-me as mãos para uma ‘despedida senza rancore’, a que eu correspondi sinceramente, convencido embora de que os nossos melhores amigos são, não raro, aquelles que menos reespeitam os nossos melindres... Paciência! Così/va il mondo, e inútil seria querer corrigi-lo...

Em todo caso, tomei a minha pequena vingança numa grande perfídia para com o meu interlocutor: deixei perversamente de comunicar-lhe a boa nova que, hoje mesmo, recebera do Oscar scientificando-me de que ‘conforme’ os meus desejos insistentemente manifestados, o Washington seria, quasi certamente o Ministro do Interior do Conselheiro Rodrigues Alves... Que desforra presidencial!...¹⁵

Neste longo trecho citado, se evidenciam as divergências entre as esferas de poder, no qual o prefeito afirma não ter ambições para nenhum Ministério supostamente oferecido

¹⁴ *Diário Íntimo Altino Arantes*, vol.9 (21/10/1918).

¹⁵ *Diário Íntimo Altino Arantes*, (23/10/1918)

a ele no governo de Rodrigues Alves, presidente da República eleito. Mesmo sabendo da informação positiva sobre a indicação do prefeito a ministro, Altino Arantes não a revela a seu interlocutor. Portanto, a referência às boas relações entre poderes estadual e municipal, contida em trecho do ofício nº477, constituía uma espécie de “cortina de fumaça” para esconder divergências que vinham de muito antes. É significativo que Washington Luís após ser empossado como presidente do Estado em 1920 acabou por isolar politicamente Altino Arantes e o grupo ligado ao Conselheiro Rodrigues Alves – que havia falecido em 1920 em consequências da gripe espanhola.

Ações do poder público municipal e estadual durante a epidemia de gripe espanhola de 1918 e o novo código sanitário de 1917.

A divisão de tarefas a que se refere o Prefeito efetuou-se no transcorrer do flagelo epidêmico, sendo separadas as áreas de atuação de cada autoridade pública para evitar conflitos:

No começo da primeira quinzena de outubro entendi-me com o Senhor Presidente do Estado para combinar qual deveria ser a nossa atitude na defesa da cidade. Vossa Senhoria Excelência me fez saber estar assentada que toda a ação defensiva e agressiva em prol da saúde da cidade, na parte relativa a médicos, medicamentos, tratamentos, hospitais e enfermarias, ficava a cargo da Secretaria do Interior por intermédio da Diretoria do Serviço Sanitário; que a assistência à população – e nesta parte ficaria compreendida não só a prestação de recursos, como a prestação de serviços –, porque tão necessitado é aquele que não tem dinheiro para comprar gêneros, como aquele que não tem quem vá comprar esses gêneros, ou os transformar em comida que a assistência assim compreendida ficava entregue a Senhoria Excelência, o Senhor Arcebispo Metropolitano, que a teria por intermédio das Conferências Vicentinas, que são aproximadamente oitenta, socorrendo assim as pessoas sem distinção de credo religioso e fornecendo o Governo do Estado, os recursos [?] necessários.¹⁶

Mesmo com a separação das áreas de atuação de cada poder público e por entidades privadas, não constituiu uma garantia que os conflitos seriam evitados. Em seguida, assinala os encargos direcionados ao município durante o flagelo:

[...] de ficar naturalmente com os serviços municipais, neste momento imprescindíveis, feitos pela cidade, e que são: os serviços de comunicação

¹⁶ *Relatório Ofício nº 477.*

a cargo da Companhia Telefônica; os de transporte, Luz e Força, executados pela “The São Paulo, Light na Power Co”.; o serviço funerário, concedido à Santa Casa de Misericórdia Municipal e que tem sido feito por intermédio da Casa Rodovalho; os serviços dos dez cemitérios municipais e os serviços da limpeza pública, tendo a Prefeitura ainda de prover ao abastecimento da cidade.¹⁷

A partir deste momento percebemos a autonomia do Município e do Estado no período da epidemia de gripe, mas adiante analisaremos as medidas que cada Poder Público exerceu. Ressaltamos que essas medidas fizeram parte do novo Código Sanitário de 1917, segundo o qual o Estado deveria exercer o papel principal no combate as doenças e epidemias, e que a autonomia municipal perdia força naquele momento. A capital paulista se configura como foco central de atenção do S.S.E., deixando as demais cidades praticamente a cargo dos municípios durante a pandemia gripal.

Altino Arantes, católico praticante, e seguro das responsabilidades do Arcebispo Metropolitano da Igreja Católica D. Duarte, incumbiu-lhe de prestar socorros à população carente:

De caminho para a cidade, estive no Palácio de S. Luís, onde combinei com o Sr. Arcebispo a distribuição de viveres e remédios às classes pobres, atingidas pela gripe, por intermédio dos Vigários e das Conferências de S. Vicente. A Secretaria da Fazenda pagasse as notas visadas por essas entidades.¹⁸

O Arcebispo D. Duarte se prontificou a ajudar a população carente junto com a Igreja Católica organizando hospitais provisórios, distribuindo alimentos e gêneros de primeira necessidade à população. Sobre a questão financeira referida por Arantes, a Secretaria da Agricultura privilegiou a Igreja na distribuição dos montantes destinados aos serviços de combate à gripe, conforme assinala Bertolli Filho:

[...] Acentua-se que esta resolução tornou-se praticável graças às vultosas doações feitas à Igreja, podendo D. Duarte contar com a maior verba posta à disposição de uma instituição não dirigida pelo Estado durante a epidemia, tendo recebido cerca de 253:500\$000 do próprio governo estadual e ainda outras significativas doações.¹⁹

¹⁷ *Relatório Ofício n° 477.*

¹⁸ *Diário Íntimo Altino Arantes*, vol.9 (25/10/1918).

¹⁹ BERTOLLI FILHO. *Epidemia e Sociedade*, p. 286.

A sociedade paulista teve que se solidarizar durante a moléstia que atacava a cidade de São Paulo. Posteriormente analisaremos outras instituições filantrópicas, privadas e religiosas que angariaram fundos para ajudar a população carente, já que o Estado e o Município sozinhos não pareciam ter condições de salvaguardar a sociedade.

O historiador Nicolau Sevcenko expressou às agruras que assolavam à cidade de São Paulo naquela primeiras décadas do século XX, “logo, se falava da felicidade de um novo ano que anunciava o fim dos três flagelos que atingiram a cidade, os chamados “três Gês”: a Gripe (Espanhola), a Geadas e os Gafanhotos ou os “cinco Gês”, acrescentando a Guerra Mundial e as Greves”²⁰.

A influenza espanhola, a geada, os gafanhotos, a Guerra Mundial e as greves explicitaram problemas econômicos e sociais que faziam parte do cotidiano dos trabalhadores e pobres da capital paulista. Questões como a carestia gerada pela Guerra Mundial, a falta de alimentos, de habitações, de melhorias urbanas, dos salários baixos, que formaram à pauta das reivindicações dos trabalhadores durante a greve geral de 1917 em São Paulo com a ocorrência do flagelo de gripe, se tornaram mais visíveis.

No mês de setembro de 1918, a capital sofria com a ameaça de greves por parte de várias categorias. Posteriormente estourou a greve dos padeiros e dos açougueiros que reivindicavam a elevação dos preços de seus produtos que haviam sido tabelados pela prefeitura, medida que evidentemente provocou ascensão dos problemas sociais e econômicos. Enquanto os padeiros e açougueiros informavam que estavam sendo prejudicados, a população reclamava dos valores praticados por estes e dos atravessadores. Altino Arantes se certifica da questão:

O Sr. Eugenio Ferreira apresentou-me o memorial e projecto, que organizou contra os açambarcadores de gêneros; e eu prometi-lhe encaminhar um e outro do Comissariado da Alimentação Pública. Sobrevindo o Cel. Luiz Ferraz, membro da Junta de Alimentação Pública deste Estado, expoz-nos elle largamente as suas impressões sobre as projetadas greves dos carneiros e dos padeiros, parecendo-lhe absolutamente desrazoável a destes e até curto ponto justificável a daquelles.²¹

²⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 24.

²¹ *Diário Íntimo Altino Arantes*, vol.9 (30/09/1918 e 01/10/1918).

A população de São Paulo, como os trabalhadores, os pobres e os indigentes além de não terem condições de comprar alguns gêneros de alimentos por motivos dos preços altos, ainda tiveram que contornar a falta de alguns desses alimentos, como a carne e o pão que estavam em falta por motivo da greve. Washington Luís manifestou-se sobre a questão da greve convocando uma reunião entre a esfera municipal e estadual para discutir o dispêndio que ela causava:

O Dr. Washington tratou do caso dos padeiros e dos carneiros, em face da tabella de preços apresentada pelo Commissariado da Alimentação Pública; e fez-me ver a conveniência de ser esse assumpto tratado directamente pela Junta desta Capital, com a indispensável audiência dos poderes estadual e municipal, a fim de se evitarem delongas e dificuldades, capazes de perturbar a vida desta Capital.²²

As discussões da Junta de Alimentação (municipal) sobre a tabela de preços marcada pelo Commissariado Central que era um órgão federal e se encontrava no Rio de Janeiro ocasionaram mais inconvenientes, pois no trâmite burocrático a Junta de Alimentação acabava tendo de se entender ou levar suas reclamações diretamente ao prefeito da capital pela necessidade de resolução da questão como acabava acontecendo gerando conflitos de poder:

Dei audiência pública na cidade; e, em seguida, conversei com o Dr. Candido Motta sobre dois casos por elle trazidos a meu conhecimento: a resolução, em que se achavam dois membros da Junta de Alimentação Pública (os Srs. Antônio Assumpção e Luiz de Ferraz), de solicitarem exoneração de seus cargos, por terem recebido ordem do Commissariado Geral, do Rio, de se entenderem ellas aqui, sempre com o Prefeito Municipal.²³

Após a exoneração dos funcionários da Junta de Alimentação, Washington Luís reportou-se a Altino Arantes para que o mesmo verificasse junto ao Commissariado Central a questão do valor dos gêneros alimentícios marcados na tabela de preços. Altino Arantes entra em contato com o Presidente da República Wenceslau Brás e com ele trata sobre a questão dos valores dos alimentos:

Sob representação verbal do Dr. Antônio Assumpção, telegraphiei ao Dr. Wenceslau, Presidente da República, pedindo-lhe que concedesse autonomia á Junta de Alimentação desta Capital, para fixar ella própria os

²² *Diário Íntimo Altino Arantes*, vol.9 (03/10/1918).

²³ _____, vol.9, (05/10/1918).

preços a vigorarem neste Estado, numa tabella, que – para segurança das transações commerciaes – seria sempre mantida, nos seus máximos, por um espaço de 90 dias.

Pedi-lhe também que o preço da carne verde desde já elevado a 1400\$ por kilo – valor pelo qual/ poderiam os açougueiros [recucetar], sem prejuízo, o fornecimento de carne a população paulistana, privada della, há quatro dias... O Dr. Wenceslau, à noite, telegraphou ao Álvaro, attendendo as duas primeiras partes de meu pedido, mas recusando a terceira (preço da carne), ‘para não alterar a situação da Capital Federal, onde a carne se vende a 1300 por kilo, sem reclamação dos interessados.’²⁴

Nesse trecho do diário percebe-se a gravidade da situação do abastecimento da capital. Somava-se a elevação brusca dos preços dos gêneros de primeira necessidade, desde antes da decretação da epidemia, a questão da própria escassez dos alimentos agravada pela greve dos padeiros e açougueiros, e a ação dos atravessadores. A vitória parcial de Altino Arantes, visto que conseguiu apenas uma relativa autonomia da Junta de Alimentação da capital em relação ao preço dos produtos praticados no distrito federal, sem rebaixamento do preço da carne:

Logo após o almoço, conferenciei com a Junta de Alimentação Pública, communicando-lhe as deliberações tomadas pelo governo federal, a meu pedido para autonomia de sua acção dentro do Estado, sendo meu desejo que essa acção se exercesse sempre de accordo com o Prefeito Municipal.²⁵

Altino Arantes atendeu à solicitação de Wenceslau Brás relativo aos víveres que seriam remetidos a capital federal:

Incumbi ao Dr. Malta de providenciar sobre a favorável aquisição dos gêneros – a serem enviados para o Rio [de Janeiro]; e ao Dr. Washington, encarreguei de velar pelo abastecimento desta Capital, de sorte a não faltar aqui os víveres indispensáveis à alimentação pública. As despesas, que esse serviço fizesse a Prefeitura, seriam indenizadas pelo Estado.²⁶

Percebemos esse ato de Altino Arantes como uma aliança política que estava firmando com Wenceslau Brás para a candidatura de Rodrigues Alves à presidência da República. Essa situação demonstra o elitismo no tratamento da questão por parte do governo paulista, pois, mesmo com a situação de desabastecimento vivido pela população paulistana e do interior resolveu remeter gêneros alimentícios para fora do estado a fim de

²⁴ _____, vol.9, (21/10/1918).

²⁵ *Diário Íntimo Altino Arantes*, vol.9, (23/10/1918).

²⁶ _____, vol.9, (23/10/1918).

atender interesses de ordem política. Esse mesmo governo preocupava-se em atender os interesses dos grupos de industriais que aproveitaram a situação de emergência para obter maiores vantagens no jogo de barganha que praticavam.

O Prefeito municipal, responsável direto pelo abastecimento durante o período epidêmico, informa no seu relatório uma situação completamente diferente da vivida pela maioria dos habitantes da capital:

Os três mil negociantes de gêneros estabelecidos em São Paulo e a grande quantidade de víveres deixavam a prefeitura perfeitamente tranqüila sobre o abastecimento da cidade, que se fez normalmente, sem a intervenção sempre prejudicial e nociva do poder público.²⁷

Washington Luís discursa sobre a tranquilidade da prefeitura no abastecimento de alimentos para a sociedade paulista, sem a suposta “intervenção prejudicial e nociva do poder público”. Apesar disso, mesmo as camadas abastadas, que possuíam condições de adquirir os alimentos, passou por dificuldades durante a greve. Os trabalhadores e os pobres mesmo quando tinham dinheiro, não se encontravam em condições de adquiri-lo pelo preço elevadíssimo da carne negociada, assim como outros produtos que começaram a faltar. O argumento liberal sobre a intervenção “nociva” do poder público não se justificou, muito menos a ingênua noção de auto regulação do mercado no qual o prefeito parecia acreditar.

Entidades privadas, filantrópicas e poder público: todos e mais todos contra a epidemia de gripe espanhola!

Sobre a participação de inúmeras entidades filantrópicas e privadas o prefeito informou ao Governo do Estado que:

[...] encarregou a Associação das Igrejas Evangélicas, à Associação Cristã de [?], aos Senhores Pastores Protestantes, ao Grande Oriente Autônomo, à Cruz Vermelha, à Liga Nacionalista, ao “Estado-Fanfulla” e a outras associações de iniciativa privada que, com tanta dedicação, têm trabalhado neste [argoso] momento, de [assessorar] na distribuição de recurso [pecuniários], [médicos], hospitais para os necessitados em São Paulo.²⁸

²⁷ Relatório Ofício nº 477.

²⁸ Relatório Ofício nº 477.

As instituições privadas, religiosas e filantrópicas iniciaram medidas profiláticas, e de assistência aos enfermos, no momento que Artur Neiva informava a sociedade sobre a ineficácia do S.S.E., para debelar a epidemia. Grande parte dessas instituições angariou fundos com a própria doação da sociedade civil, salvo a Igreja Católica que recebeu gordas verbas estaduais, assim como doações de fiéis e, também, da sociedade. Os gastos da prefeitura de São Paulo durante a pandemia gripal foi baixo, segundo Bertolli Filho (Ano): a verba destinada à crise sanitária não ultrapassou a casa dos 10% de todas as despesas extras daquele ano, lideradas pelos gastos referentes à amortização e juros de empréstimos.²⁹

A respeito dos estoques de leite na capital Washington informa em seu ofício nº 477 que era encontrado no município aproximadamente 35 mil litros, sendo que mais 11 mil litros eram importados de localidades próximas, totalizando 46 mil litros por dia para uma população estimada em 523.196 mil habitantes. Segundo o cálculo do prefeito a média de consumo do produto girava em torno de 11,36 pessoas para cada litro de leite por dia (consumo médio de 91 ml por indivíduo). Esses dados que propõem um levantamento *per capita*, considerava que todos consumiam leite, embora milhares de paulistanos não tivessem condições de adquirir o leite, assim como outros alimentos.

Higienização das vias públicas durante a gripe espanhola

A limpeza pública em São Paulo se tornou um grande problema, mas não podemos generalizar esse agravante para toda a cidade, a região central da cidade não passou por transtornos na coleta e no destino do lixo durante a fase epidêmica. Os bairros operários e industriais como o Brás sofriam constantemente com a coleta de lixo na maioria das vezes demorada, gerando um ambiente propício para proliferação de insetos e ratos. A maior parte dos dejetos eram depositados as margens do rio Tietê, contaminando mananciais.

O prefeito relatava as providências tomadas nesse âmbito: aumento do salário e do número de contratações de pessoal para a limpeza pública e a aquisição de um irrigador automóvel para substituir o existente com seis anos de uso para a constante desinfecção das ruas durante a pandemia de gripe. Essa prática de desinfecção era pautada na teoria do miasma ou no infeccionismo, suas práticas profiláticas baseavam-se que as doenças surgiam

²⁹ BERTOLLI FILHO. *Epidemia e Sociedade*, p. 184.

pelas emanações do ar, da insalubridade da atmosfera, se constituía prática recorrente do S.S.E., no ano de 1918.

Os serviços concedidos por contratos a empresas ou instituições a pedido do prefeito da “Metrópole do Café” tiveram algumas mudanças em sua rotina durante a epidemia de gripe, como a Companhia Telefônica que tinha como Presidente o Sr. Antônio Lacerda Franco. Houve o pedido da suspensão do serviço de telefonia das casas comerciais devido à diminuição do pessoal enfermo pela gripe. As preferências das chamadas telefônicas seriam dadas às residências de médicos, às farmácias, às repartições do S.S.E., e à Assistência Pública.

O governo estadual determinou a desinfecção diária dos bondes pela Companhia concessionária do serviço a The São Paulo Tremway, Light & Power Co.

Serviço Funerário e o enterramento dos mortos durante a gripe espanhola: o caos alarmante estava por vir!

A empresa que mantinha concessão do Serviço Funerário era a Santa Casa de Misericórdia junto com a Casa Rodovalho Júnior, Horta & Cia, gerando grandes gastos para a manutenção dos serviços de enterramentos e cortejos fúnebres:

Em São Paulo, desde 28 de março de 1901, está contratado exclusivamente com a Santa Casa de Misericórdia da Capital nos termos da Lei Municipal nº 461, de 17 de abril de 1900, transferido a Rodovalho Júnior, Horta & Cia., com aprovação da Prefeitura em 2 de Agosto de 1901. Em virtude da Lei Municipal nº 1401, de 5 de abril de 1911, foi esse contrato prorrogado por mais dez anos. Acercava-se a Prefeitura atualmente do monopólio de um serviço, com todas as suas características, devendo vigorar até 5 de abril de 1921.³⁰

O Serviço Funerário da Capital paulista era realizado pela Santa Casa de Misericórdia enquanto a empresa Casa Rodovalho Júnior, Horta & Cia, cuidava da fabricação e transporte fúnebre dos mortos. No decorrer da crise epidêmica a situação se agravou ainda mais no município de São Paulo, a cada dia aumentava geometricamente o número de pessoas enfermas e de óbitos da gripe. No dia 21 de outubro de 1918 o número de enfermos chegava

³⁰ Relatório Ofício nº 477.

a 918 casos, no dia 22 aumenta para 1.023 casos de influenza e no dia 23 de outubro elevou-se para 1.500 casos novos de enfermos de gripe ao dia. A doença estava cada vez mais virulenta e mortal sendo que no dia 24 de outubro fez mais 1.900 casos novos. O número de óbitos na capital chegou a quintuplicar se levarmos em conta a informação fornecida pelo prefeito a Altino “atingiram ao número de 112, quando a média diária, normal, é de 22 óbitos apenas”.³¹

Com o crescente número de óbitos o serviço funerário entrou em crise, agravando o seu quadro dia após dia. No dia 29 de outubro o número de enterramentos chegou a 100 sendo que a média diária em dias normais era de 27 sepultamentos. A Casa Rodovalho informou ao prefeito que o número máximo como limite marcado de sua capacidade era de 87 enterramentos diários, depois de ultrapassado o número de mortos colocados como limite pela empresa, a própria declarava sobre a sua impotência para execução do contrato. Naquele momento não se tinha atingido o ápice da virulência da doença, a média de mortes durante a epidemia foi de 178,6 mortos por dia, chegando dias que ocorreram até 300 óbitos.

Washington Luís com a situação de inoperância da empresa funerária teria que tomar providências imediatas que poderiam incorrer na anulação da concessão da empresa, ou seja, a quebra do contrato antes do período estipulado. O próprio dono da empresa no momento não colocou nenhuma objeção à imposição do prefeito, mas este, referindo-se aos grandes custos que essa quebra de contrato poderia levar a Prefeitura futuramente não o fez, levando o Prefeito a manter a Casa Rodovalho como concessionária do serviço funerário:

Mas, o problema não se resolveria, porque não seria com a decretação no papel da livre concorrência que o serviço se organizaria. (...) Si a própria Casa Rodovalho, com organização anterior, com pessoal próprio e com material adequado, via-se prestes a [?], outra qualquer empresa ainda a instalar-se correria maiores riscos. O material [rodante] especial para tal fim, as oficinas para fabricação e forração de caixões, as fazendas [usadas] em tal mister, não se improvisam em horas, porque em horas deveriam estar esses serviços em funcionamento, e em horas [regras] da peste, em que principalmente falta o homem, afastado do trabalho pela moléstia. Nenhum comerciante arriscaria capitais avultados em empresas destinadas a [?] poucas semanas, nisto que teriam que encontrar com monopólios, prontos a fazer valer os seus direitos, apenas se estabelecesse a normalidade da vida.³²

³¹ *Diário Íntimo Altino Arantes*, vol.9 (30/10/1918).

³² *Relatório Ofício n° 477*.

Segundo o pensamento de Washington Luís desfazer da Casa Rodovalho naquele momento da epidemia, seria ainda mais difícil para a Prefeitura teria que contratar outra empresa no meio do caos social que se encontrava a cidade. Seguindo o caminho escolhido, o Prefeito dispôs de custos para ajudar no serviço funerário.

A Prefeitura contratou diversas serrarias e carpinteiros para a fabricação de caixões e contratou também tapeceiros para forração dos mesmos, designou pessoal capaz para instalação e colocar em funcionamento uma garagem para o transporte de cadáveres.

Washington Luís designou o seu Inspetor Geral de Fiscalização o Sr. José Steidel de contratar firmas para fabricação de caixões mortuários:

Gaspar Villa, Rua Miller, nº 47, a fabricação diária de 100 caixões, com De Devitis, a de 50, com Vicente Pironti, a de 30, ambos na Rua Sebastião Pereira, ns. 52 e 38, com Carlos Remedi, na Rua Ponte Grande, a de 100, no total de 280 diariamente. (...) ao Secretário de Justiça o ilustre Dr. Eloy Chaves, a quem estão subordinadas as Oficinas da Penitenciária e do Instituto Disciplinar, ao Sr. Owem, superintendente da São Paulo Railway, ao Sr. Ramos de Azevedo, Diretor do Lyceu de Artes e Ofícios, ao Sr. Dr. Jorge Street, Presidente da Companhia Nacional de Juta, ao Sr. Eduardo Lobo, do “The São Paulo Tremway, Light and Power Co”, mais tardes às Indústrias F. Matarazzo, apelando para o sentimento de solidariedade humana e, em nome da cidade de São Paulo e no meu desvalioso, solicitei-lhes a fabricação de caixões fúnebres para enterramentos.³³

Essa solicitação feita para fabricações de caixões resultou em 5.941 caixões, foi oferecido pelo Coronel Alberto de Andrade, o seu estabelecimento da Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, nº 69 A, onde funcionou o Palace Theatre, neste local funcionou a garagem de transportes de cadáveres e o depósito de caixões fúnebres.

O cotidiano epidêmico na Metrópole do Café

Durante o período epidêmico foi constante a falta de funcionários em determinados órgãos, tanto pelo fato de muitos terem contraído a doença e outros por abandonarem seus cargos, assim, foram solicitadas contratações diversas em vários órgãos públicos:

³³ *Relatório Ofício nº 477.*

O Dr. Pinheiro Lima, o Braz, veio comunicar-me, nos Campos Elyseos, que os colegas contractados para auxiliá-lo – a razão de dois contos e quinhentos por mez! – abandonaram o serviço, por encontrarem na clínica civil, melhor remuneração...³⁴

O cargo que mais faltou trabalhadores durante a epidemia foi o de coveiro, pois a pessoa ficava propícia a se contaminar com os mortos, que muitas vezes já estavam em estado avançado de decomposição. Consequência da demora nos enterramentos, naquele momento a média de mortos chegou a um total de 178 por dia, enquanto nos dias normais a média de mortos era de 30 por dia. O serviço de coveiro era essencial no momento epidêmico e não podia parar, houve várias contratações de coveiros do interior, pois ocorreu um aumento significativo nos salários. No dia 23 de outubro os salários dos coveiros foram aumentados para 4\$500³⁵, depois para 6\$000 e chegando a 10\$000 diários, tudo para atrair mão-de-obra vital para os sepultamentos.

Foram contratados também 25 motoristas, a 250\$000 e 50 ajudantes de motoristas, a 180\$000, além de mecânicos e coveiros que somaram um total de 93 contratações. O dispêndio para contratação de pessoal foi grande no auge da epidemia cerca de 6.000 a 8.000 pessoas foram utilizadas para o serviço.³⁶

O Prefeito no momento epidêmico recebeu alguns automóveis emprestados por industriais para auxiliar no transporte funerário:

[...] esteve 13 automóveis de transportes concessão gratuita (um do “Correio Paulistano”, um do “Estado de São Paulo”, dois do Sr. Jorge Street, dois da Firma Rinotti Gambá & Cia., dois da Companhia Antártica, um do Sr. Leopoldo Plaut (Continental Osasco), um do Sr. Jorge Vancocr, um da Cia., Mecânica, um do Dr. Rudge Ramos, um da Cia. Refinadora de Açúcar.³⁷

A Influenza espanhola de 1918 alterou profundamente a rotina dos funerais na cidade de São Paulo em virtude de enterros e de pedidos de honras fúnebres feitas pela camada abastada da cidade, que naquele momento se tornavam dispendiosos e perigosos, devido à preocupação com a difusão de germes e o número elevado de enterramento.

³⁴ *Diário Íntimo Altino Arantes*, vol.9 (30/10/1918).

³⁵ As cifras no período eram os réis. Por exemplo: 4\$500 = Quatro mil e quinhentos réis.

³⁶ *Relatório Ofício n° 477*.

³⁷ *Relatório Ofício n° 477*.

A prefeitura elaborou uma nova tabela de enterramentos com o alvará da Casa Rodovalho para facilitar os serviços:

[...] reduzindo-os a três classes apenas, simplificando os caixões ao extremo limite, distribuindo todos os carros fúnebres pelas duas primeiras classes e mandando adaptar, com improvisada ornamentação fúnebre externa, para a terceira classe, caminhões automóveis e caminhões a tração por ordem e conta da Prefeitura na Casa A. Zutto & Cia., os quais também deveriam suprir as deficiências que forçosamente se iam verificar nas duas primeiras, a fim de que os enterramentos se fizessem a tempo e a hora.³⁸

Nos dados sobre os enterramentos vemos a nítida distinção das camadas sociais, foram estipulados três tipos de funerais dois das camadas abastadas e um da camada pobre. A camada abastada tinha o direito de utilizar os melhores caixões e os melhores transportes, as famílias das camadas pobres ficavam com caixões mais simples e os transportes eram coletivos feitos em caminhões, sendo basicamente tratados como indigentes.

Os serviços nos cemitérios foram constantes durante toda a epidemia, nos cemitérios do Brás e do Araçá diversos foram os dias em que “os enterramentos foram superiores a 150 em cada um deles. Devido o grande número de sepultamentos foram feitas instalações de luz elétrica nos cemitérios do Araçá, da Consolação, do Brás e da Penha”.³⁹

Washington assinala a disposição de industriais e empresas em oferecer matérias e mesmo a fabricação de caixões, fornecendo igualmente funcionários seus para auxiliar nos serviços públicos. A maioria destes caixões era construída para os enterramentos de trabalhadores pobres e indigentes, ressaltando que começaram a ser fabricados no dia 1º de novembro, momento no qual a epidemia já vitimava mais de 100 pessoas por dia. A camada abastada da sociedade tendo recursos não necessitaria dos caixões limitados encomendados pelo Prefeito.

Os enterramentos eram realizados nos dias normais da seguinte forma: caixões produzidos pela firma Rodovalho Júnior, Horta & Cia., o contrato especificava seis categorias de preços, o de primeira classe era descrito como:

Caixão de madeira coberto de seda de cor, bordado a ouro e forrado de cetim, guarnecido de galão de ouro fino e flor de 18 a 21 linhas de largura,

³⁸ Relatório Ofício nº 477.

³⁹ Relatório Ofício nº 477.

com quatro argolas e florões dourados, pés e cadeados também dourados, travesseiro da mesma seda do caixão, bordado a ouro: 80\$000.⁴⁰

Já os caixões da sexta classe, dentro da classificação da empresa funerária, eram bem mais simples:

Caixão coberto de metim de cor, guarnecido com seis tiras de galão do Porto número três, com quatro argolas e cadeado, forrado de morim e com travesseiro da mesma fazenda: 11\$800.⁴¹

A diferença entre os caixões destinados à primeira classe e o da sexta classe e a disparidade de valores eram exorbitantes, enquanto o primeiro custava 80\$000 réis, o segundo era de 11\$800, quantia um pouco elevada para os poucos recursos de um jornaleiro. Segundo Ribeiro o valor do caixão da sexta classe era igual ao salário mensal de um inspetor sanitário, nesse valor do caixão não estava incluso o transporte fúnebre. Mesmo a sexta classe de caixões não estava ao alcance dos pobres do município de São Paulo, possivelmente eram destinados para esses os caixões gratuitos, que não foram especificados.⁴²

As diferenças sociais se evidenciavam mesmo no momento da morte onde todos, ricos ou pobres não escapavam. O rico tinha pompa até na hora da morte e o pobre era desforrado até no momento desta, as pessoas abastadas tinham anúncios em jornais informando do seu óbito já o pobre muitas vezes era enterrado como indigente.

Durante a pandemia de gripe no município de São Paulo, a quantidade de óbitos foi muito elevada como se viu, contando os óbitos da epidemia e os óbitos normais que ocorriam na capital. Com esse aumento de sepultamentos as áreas dos cemitérios municipais tiveram que ser ampliadas e até um novo foi criado.

A quantidade de óbitos aumentados durante o período epidêmico trouxe mudanças nas formas de enterramentos nos cemitérios paulistas, esses passaram por intensas modificações no tamanho de sua área na quantidade de pessoas disponíveis trabalhando e o incremento da iluminação elétrica para os sepultamentos continuarem acontecendo no horário noturno, mesmo debaixo da chuva que caía bastante naquele período.

⁴⁰ RIBEIRO. *História sem fim...*, p. 115.

⁴¹ _____. *História sem fim...*, p. 116.

⁴² _____. *História sem fim...*, p. 116.

Algumas denúncias foram feitas contra os serviços de sepultamento nos cemitérios municipais. Havia acusações de que os mortos estariam sendo enterrados sem caixão e em valas comuns. A esse respeito o prefeito se manifestou discordando veementemente afirmando que todos os mortos haviam recebido tratamento cristão idêntico, ou seja, os sepultamentos estavam sendo realizados em caixões e em covas individuais. Para reforçar seu argumento respaldava-se nos relatórios dos superintendentes dos dez cemitérios.

A desconfiança aumentou quando o S.S.E., proibiu aos amigos e parentes o acompanhamento dos funerais, bem como a visita aos cemitérios. Segundo Bertolli Filho o administrador do cemitério do Araçá abordou essa questão dos enterramentos por ter sido essa necrópole uma das poucas que não lançou mão da medida de conformidade com o Ofício nº 477:

A consulta aos Livros de Cemitérios desmentem algumas das informações prestadas pelo prefeito (...) os volumes referentes à necrópole do Brás informam sobre a utilização de 5 valas comuns, nas quais foram efetivamente sepultados, sem caixões, um total de 337 cadáveres, sendo que uma única destas valas recebeu, entre 7 e 9 de novembro, 91 corpos, sendo que nem todos tinham sido vítimas pela influenza. Estes cadáveres tinham a pobreza como característica comum provinham do hospital provisório montado na Hospedaria dos Imigrantes ou trazidos por membros da Conferência de São Francisco de Paula. Alguns desses mortos vinham com anotações ao lado da ficha de sepultamento informando que os corpos foram simplesmente encontrados abandonados, junto aos muros do cemitério.⁴³

Outro registro que vem a desconstruir o discurso ideológico minimizador do Relatório Ofício nº 477 durante a pandemia de gripe em São Paulo tem a ver com o subterfúgio do encarregado do cemitério para evitar problemas:

Já no cemitério da Vila Mariana, a estratégia utilizada pelo administrador no sepultamento dos cadáveres foi outra. O que aí ocorria com frequência eram sepultamentos sobrepostos, isto é, em uma única cova se depositavam 2 ou até 3 urnas funerárias, sem aparentemente haver permissão das famílias enlutadas.⁴⁴

O historiador Nicolau Sevckenko, referiu-se ao mesmo assunto ao comentar sobre a ocorrência de enterramentos coletivos nos cemitérios paulistanos em 1918:

⁴³ BERTOLLI FILHO. *Epidemia e Sociedade*, p. 191.

⁴⁴ _____. *Epidemia e Sociedade*, p. 191.

A epidemia da gripe espanhola, difundida pelo mundo todo a partir do foco dos campos de batalha da Europa, caíra sobre a cidade com uma voracidade que evocava a peste negra medieval: em alguns meses prodigalizou São Paulo de valas coletivas lotadas de cadáveres, com não poucos moribundos atirados às fossas ainda vivos de permeio, nas correrias desencontradas do pânico.⁴⁵

O descrédito do discurso de Washington Luís neste momento se torna visível. Durante a pandemia de gripe espanhola que era considerada mais que uma doença patológica, ela se tornava um problema social, em que os destituídos das melhorias públicas, os pobres, os trabalhadores e os indigentes eram sepultados em valas comuns, sem urnas funerárias. Para a sociedade contemporânea esse fato, mais que uma lenda urbana, agravou ainda mais o medo presente na sociedade.

Como a gripe chegou!... ela se foi! Conclusão.

Foram adotadas pelo S.S.E., medidas preventivas pautadas no isolamento da população baseada na teoria do contágio e do miasma realizando várias medidas preventivas na sociedade, como as proibições das aglomerações públicas e fechamento de estabelecimentos públicos. Percebemos que nos cinemas e teatros que o público frequentador era as camadas abastadas, esses recintos foram privados de funcionar, posteriormente, no ápice da epidemia.

Os locais como bares, botequins que onde se encontravam os trabalhadores ou as classes pobres foram fechados de imediato, pois eram considerados locais de prostituição e de práticas de vícios disseminadores de doenças. A maneira pejorativa como eram tratados os pobres pelas autoridades públicas, vinha para legitimar as medidas coercitivas que exerciam sobre os trabalhadores, as “classes perigosas” como eram chamados os pobres:

O conceito de classes perigosas amplia-se vendo uma relação entre pobreza e vícios: todos os pobres seriam viciosos, e a principal virtude do bom cidadão seria o gosto pelo trabalho, hábito da poupança que reverte em seu bem-estar. Daí o fato de que a pobreza indica suspeita de que o indivíduo ser um bom trabalhador – aos pobres, portanto faltaria a virtude social mais essencial, grassando, portanto os vícios – construção abstrata que não tem base na realidade: “pobres carregam vícios, os vícios

⁴⁵ SEVCENKO. *Orfeu Extático na metrópole*, p. 24.

produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade; ... pobres são por definição perigosos.”⁴⁶

O entendimento do conceito de “classes perigosas” se torna essencial para compreendermos as medidas de polícia sanitária praticada pelo S.S.E., durante a Primeira República, o discurso ideológico da higienização praticado pelas autoridades públicas que se desencadearam nas higienizações das regiões centrais das principais cidades brasileiras do início do século XX.

A epidemia de gripe espanhola de 1918 no município de São Paulo veio explicitar todos os problemas sociais que ocorriam na capital paulista naquele momento. Problemas urbanos: crescimento demográfico desenfreado, problemas de moradia para as populações trabalhadoras, falta de alimentos e melhorias na infraestrutura urbana dos bairros operários como rede de esgoto, água tratada, pavimentação das ruas, limpeza urbana: recolhimento do lixo e local de destino adequado.

A “Metrópole do Café” como era dita pelas autoridades públicas e pela elite cafeeira, era a cidade moderna e salubre, não se pode negar esta referência para a região central da cidade onde estava o poder executivo estadual, e a elite financeira cafeeira e industrial. Na Sé e na Consolação, distritos centrais da capital não faltavam melhorias urbanas como boas moradias, ruas pavimentadas, transportes de bonde, água tratada e esgoto, coleta de lixo constante, iluminação pública, cinemas, teatros e diversos serviços.

A cidade de São Paulo com o crescimento urbano passou por segmentações de seus espaços, foram criadas as zonas comerciais, zonas bancárias, zonas industriais e zonas residenciais, a cidade estendeu-se pelas planícies, as estradas de ferro passavam pelos terrenos mais baixos, pois se constituíam nos melhores locais para os assentamentos dos trilhos. Nessas regiões seguindo os trilhos instalaram-se muitas fábricas e desenvolveram-se diversos bairros operários. Na região central, onde se concentrava o comércio e bancos, o preço dos terrenos aumentou progressivamente, propiciando constante especulação imobiliária. Foi criado o bairro de Higienópolis onde residia à burguesia cafeeira e industrial da cidade. Na área central e nos bairros residenciais onde morava a elite paulistana percebemos o esplendor da arquitetura, baseada em estilos europeus.

⁴⁶ BERTOLLI FILHO. *Epidemia e Sociedade*, p. 16.

Nos bairros industriais e operários percebeu-se poucas mudanças nas melhorias urbanas, na maioria desses bairros não existia esgoto, água tratada, habitação adequada para a população trabalhadora que vivia em cortiços ou casas coletivas em meio a péssimas condições higiênicas e de salubridade. Na periferia era frequentes a falta de alimentos, de medicamentos e muitos outros produtos necessários para a sobrevivência.

É interessante ressaltar que as características da urbanização da cidade de São Paulo tiveram um cunho elitista, as melhorias urbanas na capital paulista se deram basicamente nas regiões centrais no sentido de manter o discurso modernizador da “Metrópole do Café”. Segundo, relatos de viajantes estrangeiros que visitavam a região central da cidade, não sabiam se estavam em São Paulo ou na própria Europa⁴⁷, tudo isto pela diversidade da arquitetura, pelos projetos de urbanização apoiada no projeto do *Barão Haussmann* de Paris. Esses projetos urbanísticos iniciados por administradores do final do Segundo Império e crescente durante a Primeira República, que pautaram na europeização da arquitetura e da cultura das elites paulistanas.

Os trabalhadores operários e os pobres da urbe se encontravam no descaso do Poder Público, frente aos problemas sociais: de moradia, de alimentação, de falta de melhorias urbanas como: rede de esgotos, água tratada, falta de trabalho, presença de baixos salários, ausência de um código sanitário que primava à educação sanitária da população, a assistência médica individual permanente. A pandemia de gripe espanhola de 1918 se tornou paradigmática no momento que levou em “xeque” o modelo sanitário vigente (modelo tecnológico campanhista policial), pautado na polícia sanitária, medidas coercitivas, baseado em campanhas/focos para combater doenças e epidemias, após o final da moléstia iniciou-se as discussões para a reforma do serviço sanitário baseada na assistência médica permanente.

A influenza espanhola evidenciou muitas das mazelas que assolavam a população paulista desde o início do processo de urbanização e industrialização da “Metrópole do Café”, temos que compreender que a pandemia de gripe mais que um problema patológico, deste modo, a gripe espanhola foi a partir de suas representações sociais, um problema a ser

⁴⁷ SEVCENKO. *Orfeu Extático na metrópole*, p. 24.

explicado pela sociedade atacada; é imperativo que tenha sentido social e cultural. Historicizar as doenças é um dos caminhos para se compreender uma sociedade.